

**EXPRESSÃO ARTÍSTICA DE ABDIAS NASCIMENTO: valorização da  
identidade e cultura negra a partir das pinturas e poesias no autoexílio (1968-  
1981)**

Elisa Ferreira Teixeira

PPGH- Universidade Federal da Paraíba

E-mail: elisaferreira95@gmail.com

## **INTRODUÇÃO**

A história de Abdias Nascimento é composta por contextos e acontecimentos que revelam a sua forte relação com as causas, as resistências e as denúncias que dizem respeito à população afro-brasileira e africana. Sendo assim, a trajetória de Nascimento mostra-nos os diversos episódios a que foram submetidos os afrodescendentes na conjuntura do nosso país, trazendo à tona importantes debates e opiniões acerca do preconceito, inferiorização e racismo vivenciados cotidianamente.

Com o golpe militar de 1964 a militância negra enfrentou forte repressão por parte dos governos e, por conta desse cenário, quaisquer ideias que refletissem ou questionassem as relações raciais no Brasil eram contrárias aos preceitos impostos pela ditadura. Abdias Nascimento foi um dos perseguidos por esse regime, pois era um participante ativo e conhecido pelas suas ações em prol dos afrodescendentes. Logo, “os serviços de inteligência estavam menos obtusos em relação aos discursos de Abdias Nascimento (...). Era necessário punir exemplarmente aquele negro – como se não o houvessem punido antes” (SEMOG; NASCIMENTO, 2006, p. 163). Por conta dessa conjuntura, no ano de 1968, Nascimento decidiu embarcar para os Estados Unidos, onde permaneceu por um período de treze anos, voltando ao Brasil apenas em 1981. O exílio representou uma fase relevante na história desse pensador, pois é a partir desse episódio que Nascimento empreende a sua luta a favor dos afro-brasileiros e africanos a nível internacional e pan-africanista. A atuação internacional, que foi empreendida no cenário acadêmico, em palestras, seminários e na atividade política militante, inspirou os seus estudos e reflexões acerca das relações raciais.

É partindo de tal conjuntura que se tem o eixo de discussão da pesquisa, pois é a partir da situação vivenciada por Nascimento no exílio que surge a sua relação com o pan-africanismo. Alguns intelectuais e militantes, como W. E. B. Du Bois, Aimé Césaire, Amílcar Cabral, Frantz Fanon, entre outros, que participaram das diversas frentes e formularam visões acerca do pan-africanismo, acabariam por influenciar a trajetória intelectual e política de Abdias Nascimento. Por conta disso, importantes concepções desse movimento foram incorporadas e refletidas nos discursos e nas obras desse intelectual. Sendo assim, “Sua luta, contra o racismo e em defesa da cidadania dos negros brasileiros, se alinhava aos princípios do movimento da Negritude e do Pan-Africanismo, processos que associavam cultura e política na dimensão de construção de uma unicidade negro-africana universal” (SEMOG; NASCIMENTO, 2006, p. 166).

Portanto, pretende-se entender a relação de Abdias Nascimento com o pan-africanismo, que pode ser encontrada em suas obras e experiências, e a partir disso demonstrar que ele teve um importante papel nesse contexto: o de trazer uma nova perspectiva para esse movimento, pois ele defendia a construção de um pan-africanismo baseado no respeito às diferenças entre grupos, culturas, povos, civilizações e gêneros. Também é importante demonstrar a reinterpretação da realidade brasileira empreendida por Nascimento através da defesa do pan-africanismo e, conseqüentemente, pensar a situação dos afrodescendentes brasileiros, dando ênfase as várias características e problemáticas que esse cenário abarca, como exemplo temos o racismo e as suas implicações na vida das populações afro-brasileiras e africanas.

## **UM POUCO DA TRAJETÓRIA DE ABDIAS NASCIMENTO**

Abdias Nascimento nasceu em Franca, interior de São Paulo, no dia 14 de março de 1914, época ainda marcada pelas cinzas das lutas abolicionistas. A família de Abdias Nascimento era formada pela mãe, Georgina, conhecida como dona Josina, o pai, José, e sete filhos. A avó materna, dona Ismênia, havia sido escrava, e assim como ela, também moravam em Franca muitos outros negros que viveram na condição de cativos. Durante a sua infância estudou em um Grupo Escolar e já adolescente conseguiu adentrar em um curso secundário de contabilidade, e foi esse curso que lhe proporcionou os seus primeiros

empregos no ramo, mas antes disso já havia feito vários biscates, como entregador de pão e leite, ajudante em farmácia, para suprir as despesas de casa. Desde a sua infância, Abdias não se ajustava ao meio em que vivia, principalmente em relação ao preconceito racial, nunca ficava calado perante as discriminações, sempre as retrucava e procurava reverter esse tipo de comportamento. Desde muito cedo ele foi sensibilizado pelo sofrer da sua gente, pela saga de seu povo, e carregou essa “revolta” por toda a sua vida.

Logo após a formatura no curso de contabilidade, em 1929, Abdias decidiu que iria morar em São Paulo e é neste período que conseguimos começar a enxergar o interesse dele pela militância. Abdias serviu ao Exército e nesse meio tempo começou a participar da Frente Negra Brasileira (FNB), considerando o período de militância como sendo de grande importância para a sua vida. Abdias muda-se para o Rio de Janeiro por conta das perseguições policiais (ocasionadas por causa de sua atividade de militante) e nesse período ele consegue concluir o curso de economia, já começado em São Paulo. Um ponto muito importante da estada de Abdias no Rio de Janeiro foi o encontro dele com as raízes negras, ou seja, a cultura negra. Ele frequentou terreiros e passou a conviver com outros tipos de intelectuais, essa vivência fez com que ele mudasse o seu olhar e desvendasse um novo mundo. É também nessa época em que ele volta a servir ao exército e organiza um dos seus primeiros Congressos, o Congresso Afro-campineiro. Ele passa uma temporada em São Paulo trabalhando e retorna ao Rio de Janeiro, e é nessa volta que ele funda com mais alguns amigos e intelectuais a *Santa Hermandad Orquídea*, onde havia a vontade de propagação e aperfeiçoamento do pensamento dos intelectuais participantes. Com a Hermandad Abdias viajou para alguns lugares, como a Amazônia, Andes, Argentina, e são nessas viagens que ele reencontra seu grande interesse por teatro.

Abdias regressa ao Brasil e é preso, em razão de incidentes de combate à discriminação racial, e na penitenciária do Carandiru Abdias começa o seu experimento de teatro com os presos, que ficou conhecido como “Teatro do Sentenciado”, e quando sai da prisão traz consigo uma vontade de inserir o negro no teatro, fundando nessa época o Teatro Experimental do Negro (TEN), especificamente em 1944. O TEN buscava resgatar os valores da pessoa humana e da cultura negro-africana, negados por uma sociedade dominante, sendo assim, o TEN tinha o objetivo da valorização social do negro no Brasil. O TEN foi o responsável por diversos espetáculos, mas também ministrava

cursos, como os de história da África e também ensinava a ler. Além disso, foi fundado o Comitê Democrático Afro-brasileiro em 1945. Ao longo das décadas de 50 e 60, Abdias militou pelo movimento negro em congressos, encontros e protestos que esta parcela da população promovia, muitas vezes sob a liderança do próprio.

Com o golpe militar de 1964, no entanto, a militância negra enfrentou forte repressão por parte dos governos. A posterior promulgação do AI-5 em 1968 proibiu oficialmente a militância negra antirracista, o que levou Abdias a buscar exílio nos Estados Unidos, o exílio se transformou em um meio eficaz de extensão da luta contra o racismo no Brasil. Na sua volta ao Brasil, Abdias fundou o IPEAFRO- Instituto de pesquisas e estudos afro-brasileiros e realizou o 3º Congresso de Cultura Negra das Américas. A luta no campo da política se abria como um novo meio de atuação para o alcance de vários objetivos e projetos para a comunidade negra no Brasil. Em 1982, participando de suas primeiras eleições, Abdias foi eleito para o posto de Deputado Federal pelo Rio de Janeiro, sob a bandeira da luta contra o racismo e em 1991 Abdias chegou ao Senado. Ele foi o responsável por projetos de grande valor, um deles foi a oficialização do dia 20 de novembro como dia da consciência negra. Com toda essa trajetória, podemos perceber que Abdias Nascimento foi um sujeito importante para a resistência negra, pois buscou de todas as maneiras a inserção do negro na sociedade em que vivia, combateu o racismo e procurou uma melhor condição de vida para o seu povo, e a partir disso tem-se novas trajetórias e grandes feitos para a luta negra.

### **PRIMEIROS ANOS NOS ESTADOS UNIDOS: RECONHECIMENTO, ESTABILIZAÇÃO E CONTATO COM A PINTURA E POESIA**

Abdias Nascimento foi para os Estados Unidos, com destino a Nova York, após ser contemplado com uma bolsa da Fairfield Foundation, que tinha a finalidade de realizar encontros e intercâmbios com entidades culturais negras. Quando estava se aproximando o término das suas atividades, em dezembro de 1968, é baixado o Ato Institucional nº 5. Por conta da conjuntura em que o Brasil se encontrava, ele teve que permanecer nos EUA e relatou os motivos pelos quais tomou essa decisão: “Com o endurecimento do regime militar, e a repressão intensa instituída pelo AI-5, fui obrigado a deixar o país. A questão

racial virou assunto de segurança nacional, a sua discussão era proibida. Fui incluído em diversos Inquéritos Policiais Militares (...)” (SEMOG; NASCIMENTO, 2006, p. 164). Segundo Custódio, “Nascimento tinha IPMs em seu nome, e relativa imagem de “subversivo”. No entanto, os indícios presentes daquele período indicavam que Nascimento não se constituía, para a repressão, em um perigo eminente e nem, pelo menos no período de 1968-1969, havia risco direto de prisão” (CUSTÓDIO, 2011, p. 65). Contudo, mesmo com a afirmação de que Nascimento ainda não era considerado uma ameaça real para a ditadura, sabe-se que o envolvimento dele com as questões raciais naquele momento não seria de “bom grado” para o contexto brasileiro e, por isso, ele decidiu permanecer nos EUA, o que já o tornava um autoexilado. Ele sabia que se voltasse ao seu país havia grandes chances de ser perseguido, pois com a instituição do AI-5 a questão racial passou a configurar na Lei de Segurança Nacional como ato subversivo. Dessa forma, as manifestações culturais, os movimentos sociais e as ações políticas de contestação ao regime que discutissem o cenário vigente poderiam ser vigiados e perseguidos pelo aparato militar.

Nascimento recorreu aos amigos e encontrou abrigo com a família Bagley, que o colocou em um quarto de seu apartamento, localizado em Manhattan, distrito de Nova York. Esse encontro tornou-se muito relevante para ele, pois “A partir do Sr. Bagley, uma pessoa bem relacionada, Nascimento amplia sua rede de contatos pessoais. A pouca fluência em inglês fazia com que a presença de outras pessoas nas suas atividades iniciais nos Estados Unidos fosse importante” (CUSTÓDIO, 2011, p. 67). Além disso, esses amigos proporcionaram outras mudanças para a sua vida, como exemplo, há a volta do interesse dele pela pintura. Abdias já era envolvido com a pintura desde a época em que permaneceu no Rio de Janeiro, porém, foi com a mudança para Nova York e o apoio da sua amiga Ann Bagley, também artista, que ele realmente voltou a se interessar por essa prática: “(...) e ali mesmo naquele quarto, usando palitos de fósforo e restos de tinta que a amiga jogava fora, ele voltou a pintar” (NASCIMENTO, 2014, p. 207). Abdias relatou o seu processo de descobrimento e amadurecimento a partir da pintura nesse período, enfatizando a importância da cultura e da religião afro-brasileira:

Uma coisa sensacional aconteceu comigo nos E.U.A. Bloqueado pelo inglês, desenvolvi uma nova forma de comunicação. Ao invés de aprender a falar bem uma outra língua, descobri que possuía uma outra forma de linguagem dentro de mim mesmo: descobri que podia pintar; e pintando eu seria capaz de mostrar

o que palavreado nenhum diria. Uma experiência difícil de explicar. O mais apropriado mesmo é dizer que os orixás baixaram e que pinto em estado de comunicação íntima com os orixás. Não faço pintura convencional, nem ritual. Tampouco se trata de invenção arbitrária. Expresso uma vivência profunda da cultura afro-brasileira. Apreendo certas visões, certas fantasias, sobretudo certas revelações configuradas nos invocados símbolos do candomblé (NASCIMENTO, 1976, p. 49).

Tulio Augusto Samuel Custódio estudou esse momento da história de Nascimento e discutiu importantes aspectos das produções desse intelectual, tanto no que se remete às inspirações para a pintura como para o discurso que estava atrelado no desenvolvimento das suas artes:

(...) podemos perceber as implicações dessas pinturas dentro de dois tópicos: temática da cultura negra e uso das pinturas como composição da sua autoimagem. O tema da cultura negra compõe a correlação que Nascimento faz entre suas pinturas e discurso ideológico. Boa parte dos títulos produzidos faz referência a entidades e divindades de religiões afro-brasileiras. As pinturas iniciais são mais amplas nessa ilustração: há indicação de elementos tanto do Candomblé como da Umbanda. Conforme as manifestações religiosas são delimitadas na ideologia política de Nascimento, mais a temática das pinturas se fecha somente para universo do Candomblé. Enquanto discurso, as pinturas têm valor de conjugar sua produção com seu ativismo, e conformar toda sua produção como tributária de apenas um sentido. Todavia, enquanto contexto, essa leitura nos informa mais. Nascimento adentra o território norte-americano como artista, vinculado ao teatro e à pintura. Seu interesse de mobilizar também sua atuação enquanto ativista da questão do negro também sugere que essa produção artística seja uma “porta de passagem” para outros posicionamentos do autor naquele cenário. (...) Ademais, o discurso de Nascimento acerca das suas pinturas assume também outra função no contexto do autoexílio: fixar uma imagem própria ao autor. O fato de Nascimento expressar a cultura negra brasileira em suas pinturas, com um discurso ideológico alinhado a essa temática, expressa sua própria condição como diferencial, dentro de sua ideologia pan-africanista, que toma contornos definidores de sua imagem como produtor (CUSTÓDIO, 2011, p. 118-119).

Por causa da relação com os Bagley, ele conheceu e teve a ajuda de inúmeras pessoas, como o professor Charles Wagley, da Universidade de Columbia, um antropólogo renomado pelos seus estudos e pesquisas. Wagley teria se comovido com a história de Nascimento e conseguido uma bolsa de estudos para ele aprender inglês, além de ajudá-lo financeiramente comprando um de seus quadros. A partir das transformações que estavam acontecendo, como o seu reerguimento financeiro e o estabelecimento de contatos naquela região, Nascimento investiu na sua carreira de pintor. Ele conseguiu realizar suas primeiras exposições em 1969, no Harlem Art Gallery e Crypt Gallery (Universidade de Columbia). Também esteve presente em seminários, exposições e

visitou diversas universidades. Sendo assim, “A atividade de pintura promove seus primeiros discursos de aceitação e pertencimento. A partir dela, o autor reconstrói a memória do que seriam os seus primeiros anos nos Estados Unidos como momento de “reconhecimento” de sua carreira” (CUSTÓDIO, 2011, p. 68). Além da pintura ter proporcionado valorização para a carreira de Abdias, ela também assumiu uma posição de destaque na sua militância: “A pintura se torna uma atividade que gera frutos compensatórios financeiros e sociais, e também seria incluída no discurso ideológico do autor como parte de seu ativismo político. (...) Nascimento vincula sua arte a sua percepção política acerca da importância do resgate da cultura negra” (CUSTÓDIO, 2011, p. 68).

A produção de Nascimento durante o autoexílio também se realizou em poesias. Grande parte do material produzido nesse gênero está publicado no livro *Axés do Sangue e da Esperança*, de 1983. No livro encontram-se elencados vinte e dois poemas, escritos entre 1967 e 1982. Nestes poemas alguns elementos temáticos são muito recorrentes, como a relevância da história africana e afro-brasileira, a denúncia do racismo e a resistência negra diaspórica. Custódio também traz relevantes informações acerca das suas poesias neste contexto:

A produção poética de Nascimento segue o mesmo caminho da apreensão geral das obras artísticas, ou seja, (1) de uma produção respaldada na cultura religiosa afro-brasileira, nas figuras e entidades do Candomblé, como parte da abordagem sobre cultura e identidade negra; e (2) em seu conjunto, forma um reforço à construção do discurso em torno de sua trajetória de intervenção política, que se manifesta em seu discurso ideológico e sua produção artística. Além desses dois pontos, as poesias de Nascimento têm um adicional em relação às outras obras artísticas: vistas em conjunto, como estão organizadas na coletânea “Axés”, elas demarcam o “mapeamento da trajetória” do autor no contexto internacional (CUSTÓDIO, 2011, p. 120).

Em 1969, Nascimento foi convidado para realizar seminários sobre as artes e o teatro na Escola de Teatro da Universidade de Yale, e em pouco tempo ele se tornou conferencista visitante. Abdias ministrava aulas e realizava atividades com os alunos, impulsionando-os a escrever, roteirizar e montar peças. Ele também dividiu com estudantes e professores a sua experiência no Teatro Experimental do Negro, e conseguiu expor suas pinturas na galeria da Escola de Arte e Arquitetura de Yale. Já em 1970, Nascimento foi convidado pelo Karl Scheibe, professor da Universidade de Wesleyan, para uma exposição individual na Malcom X House, que era um centro de cultura e

estudos negros, criado no campus dessa instituição. Além disso, foi chamado para participar do seminário “A Humanidade em Revolta”, realizado ao longo do ano acadêmico, que contou com a presença de importantes nomes, como o escritor Norman Mailer, o compositor John Cage, o sociólogo Norman O. Brown, entre outros. Esse seminário tinha inspiração nas ideias de Albert Camus, principalmente do seu livro *L’Homme Revolté*. Conforme exposto anteriormente, Abdias também sofreu influência desse intelectual e da sua obra para desenvolver *O negro revoltado*, publicado em 1968. Os organizadores desse evento conheceram a história desse intelectual e o convidaram para passar um ano como professor visitante.

Em 1971, Nascimento foi convidado para lecionar no Departamento de Estudos Porto-Riquenhos da Universidade de Nova York, em Buffalo, tornando-se, assim, professor universitário. Elisa Larkin Nascimento narrou os detalhes desse acontecimento na vida de Abdias:

Havia em Nova York uma comunidade porto-riquenha ativista que se movimentava em torno da independência da ilha. Abdias Nascimento tinha um trânsito rico e constante junto aos hispânicos. Fez amizade com a escritora e dramaturga negra Soledad Romero e com dois intelectuais e agitadores borícuas: o escritor Alfredo Matilha e o escritor e cineasta Francisco Pabón. Estes consolidavam a instalação do Centro de Estudos Porto-Riquenhos no Departamento de Estudos Americanos da Universidade do Estado de Nova York, campus de Búfalo, cidade que fica no ocidente do estado. Ao conhecer o trabalho de Abdias Nascimento, convidaram-no para fundar a cadeira de Culturas Negras nas Américas. Ele chegou em 1971 e lá ficou até 1981, sendo promovido a professor titular com estabilidade (NASCIMENTO, 2014, p. 210).

Era uma situação ideal, pois Nascimento podia usar o português e espanhol para ministrar as aulas, e isso de certa forma facilitava o seu cotidiano como professor. Ademais, tinham outros fatores que o beneficiavam, pois ele não era cobrado a produzir nos moldes acadêmicos clássicos, porém, “(...) Nascimento seria levado a produzir se apropriando desse campo. O que significa que, mesmo não compondo o campo como um produtor, sujeito à competição corrente entre os agentes da área, Nascimento incorporaria em seus escritos a forma de produção (...)” (CUSTÓDIO, 2011, p. 70). Ao absorver esse modo de produção em seus escritos, ele “(...) corrobora para a reconstrução de sua imagem, produzindo um discurso político em moldes acadêmicos, para um público receptor desses modelos - como intelectuais africanos e norte-americanos dos congressos, grande parte vinculada ao exercício acadêmico” (CUSTÓDIO, 2011, p. 70-71).

A rede de contatos e amizades que Abdias conseguiu estabelecer nesse contexto foi muito necessária para os seus projetos, porque além de proporcionar as oportunidades e o reconhecimento, ele teve a ajuda de diversas pessoas para a tradução dos seus textos e discursos. Entre elas estão Peter Lownds, que fez a interpretação da sua primeira conferência no Teatro da Universidade de Yale, e ainda traduziu a peça teatral *Sortilégio* (mistério negro), o professor e escritor Dr. Molefi K. Asante e a escritora e coreógrafa Kariamu Welsh (ambos criadores do Museu de Artes e Antiguidades Africanas e Afro-Americanas de Buffalo), dentre outros. Por correspondência, Nascimento manteve contato com vários amigos e conhecidos do Brasil, que o informavam sobre o que estava acontecendo no cenário brasileiro, por exemplo, Sebastião Rodrigues Alves, Efrain Tomás Bó, Gerado Mello Mourão, Leocádia Ferreira de Castro, Paulo Pereira, Sebastião Januário, entre outros. Abdias também manteve contato com intelectuais brasileiros que estavam em situação de exílio, ou trânsito nesse período, destacando-se Guerreiro Ramos e Clóvis Brigagão, que lhe davam suporte e apoio em diversas iniciativas. Contudo, a principal pessoa que fez parte do percurso desse intelectual nesse período foi Elisa Larkin, que o conheceu em 1974, quando ainda era aluna da pós-graduação do Departamento de Estudos Porto-Riquenhos. Até 1976, ano em que se casou com Elisa, esses tradutores e estudiosos foram fundamentais para os trabalhos realizados por Nascimento. Após a união, os dois começariam um longo caminho de parcerias, cumplicidade e colaboração intelectual e política.

Além da atividade como professor universitário, Abdias também continuava com os seus trabalhos de pintura, e chegou a realizar exposições por todo o país. Com o tempo, as pinturas evoluíram para além dos orixás e aspectos da cultura religiosa afro-brasileira: “(...) Ao incorporar diversas referências da simbologia epistemológica africana em diversos países do continente e da diáspora, Abdias Nascimento pintava o pan-africanismo que ele vivia no ativismo, na pesquisa e na atividade docente” (NASCIMENTO, 2014, p. 210-212). As atividades no âmbito universitário, as exposições e as palestras trouxeram certa estabilidade para as propostas de Nascimento nos Estados Unidos. Apoiado na sua rede de contatos e nas oportunidades que esse ambiente lhe proporcionou, ele buscou ampliar sua atuação participando de congressos e seminários que tinham como temática principal a questão racial.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do que foi exposto, constatamos que o autoexílio trouxe importantes mudanças para a maneira de Abdias compreender e desvendar a temática racial do contexto brasileiro. No momento em que esse intelectual incorporou os pressupostos do pan-africanismo, ele ampliou a sua força de discurso e ação e, além disso, colocou a história e a cultura dos negros brasileiros como parte relevante da diáspora africana. Sendo assim, a história e cultura afro-brasileira passam a ter relevância não só para o âmbito nacional, mas também para o legado africano. Ademais, as experiências do autoexílio provocaram uma radicalização do discurso desse pensador, pois ele passou a entender a democracia racial não apenas como um mito, mas como um genocídio físico e cultural do negro brasileiro, e passou a apresentá-la no contexto internacional como discurso supremacista branco. As transformações ocasionadas por esse ambiente também estão presentes nas suas obras, como foi demonstrado, pois apresentam o diálogo de Nascimento com as ideias daquele contexto, em que ocorre a vinculação das concepções de cultura negra e história da discriminação e resistência do negro no Brasil como parte da noção de diáspora, criando, assim, uma unidade identitária negra transnacional. É também necessário esclarecer que o período anterior ao autoexílio se configurou como um importante caminho para as produções de Nascimento nesse período, pois foi a sua aproximação da negritude e valorização da cultura negra que trilharam um caminho para a posterior incorporação das ideias presentes no contexto internacional do discurso negro. Percebe-se, então, que a trajetória desse autor no autoexílio não sofreu apenas mudanças, mas também continuidades. Portanto, o registro da trajetória desse intelectual nessas décadas, tanto antes quanto durante o exílio, e a sua disseminação contribuem para o fortalecimento da identidade cultural negra e, como resultado, possibilitam a consciência da importância da preservação do patrimônio cultural negro e da reconstrução da história da população negra no continente e na diáspora africana.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FILHO, Walter Fraga. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ALMADA, Sandra. *Abdias Nascimento*. São Paulo: Selo Negro, 2009.

BARBOSA, Lindinalva Amaro. *As encruzilhadas, o ferro e o espelho: a poética negra de Abdias do Nascimento*. 2009. 219. f. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) - Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens, Universidade do Estado da Bahia, Salvador. 2009.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Sá de Costa Editora, 1978.

CUSTÓDIO, Tulio Augusto Samuel. *Construindo o (auto)exílio: trajetória de Abdias do Nascimento nos Estados Unidos (1968-1981)*. 2011. 181 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2011.

DOMINGUES, Petrônio. *Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos*. Revista Tempo, Rio de Janeiro, vol. 12, n. 23, p.100-122, 2007.

DURÃO, Gustavo de Andrade. Olhares do pan-africanismo: Frantz Fanon e Amílcar Cabral um caminho para os projetos de unidade. *Revista Perspectiva Histórica*, Salvador, v.5, n. 8, p. 97-109, jul./dez. 2016.

FLORES, Elio Chaves. *Visões da África, cultura histórica e afrobrasilidades*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2016. 84

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: UCAM, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

JANUÁRIO, Eduardo. Abdias do Nascimento: aspectos históricos de um militante negro. *Revista Sankofa*, São Paulo, v. 4, n. 8, p. 35-43, dez. 2011.

JAREMTCHUK, Dária. Abdias do Nascimento nos Estados Unidos: um “pintor de arte negra”. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v.32, n.93, p. 263-282, maio/ago. 2018.

MACEDO, Márcio José de. *Abdias do Nascimento: a trajetória de um negro revoltado (1914-1968)*. 2005. 285 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2005.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MILES, Tshombe. Abdias Nascimento e a tradição intelectual afrodiáspórica: no combate ao racismo. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 48, n. 2, p. 106-136, jul./dez. 2017.

MOORE, Carlos. *A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro*. 2.ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

MUNANGA, Kabengele. Pan-Africanismo, Negritude e Teatro Experimental do Negro. *ILHA – Revista de Antropologia*, Santa Catarina, v. 18, n. 1, p. 107-120, jun. 2016.

NASCIMENTO, Abdias do. *O Brasil na mira do pan-africanismo*. 2.ed. Salvador: EDUFBA: CEAO, 2002.

NASCIMENTO, Abdias do. *O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Abdias. Entrevista. *Acervo – Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 5-14, jul./dez. 2009.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Pan-africanismo na América do Sul: emergência de uma rebelião negra*. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Os orixás do Abdias*. Brasília: IPEAFRO e Fundação Cultural Palmares, 2006.

PEREIRA, André Luis. *O pensamento social e político na obra de Abdias do Nascimento*. 2011. 105 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2011.

SEMOG, Éle; NASCIMENTO, Abdias do. *Abdias do Nascimento: o griot e as muralhas*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

SILVA, Danilo Santos da. *História e protagonismo negro: africanidade, cultura histórica e ensino de história na trajetória de Abdias Nascimento (1944-1999)*. 2016. 180 f. Dissertação (Mestrado em História) – CCHLA, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2016.